

O rock neofascista e o racismo nos Estados Unidos: a presença do ódio racial por meio da música e a modernização do nazismo¹

Pedro Carvalho OLIVEIRA²
Doutor

Resumo

Este trabalho analisa a presença dos neofascismos nos Estados Unidos, por meio de um exame das letras de músicas pertencentes a um gênero chamado rock neofascista. Nos debruçaremos sobre as letras de quatro importantes bandas do cenário neofascista estadunidense (*Angry Aryans*, *Bound for Glory*, *Bully Boys* e *Heathen Hammer*) que, ao longo das últimas décadas, têm difundido por meio da música ideias nazistas em sintonia com discursos racistas presentes no país, sobretudo aqueles que direcionam ódio aos negros. Veremos, com isso, as singularidades dos neofascismos estadunidenses, como a música é utilitária para a penetração de suas ideias na sociedade e como esta possui, historicamente, estruturas nas quais estas ideias podem encontrar espaço.

Palavras-chave: História da Mídia Sonora; Rock neofascista; Racismo; Estados Unidos.

Introdução

O rock neofascista é um gênero musical que difunde visões de mundo próprias ao ideário neofascista, bem como discursos de ódio contra os que se opõem ou supostamente entravam uma comunidade imaginada pelos seus compositores. Tais discursos de ódio são instrumentais: atacando os antípodas do que consideram a nação ou sociedades ideais, definem a si mesmos como superiores em contraposição ao “outro”. Assim, delimitam quem deve ou não compartilhar das benesses às quais têm direito os membros de tal ou qual sociedade, direitos estes definidos pelos militantes neofascistas. O rock neofascista, portanto, serve tanto à busca por uma penetração política dentro de um determinado espaço – conclamando à militância os simpáticos a comportamentos de extrema-direita – , quanto como convite à prática da violência contra os que apontarão como culpados por uma quimérica crise sociocultural.

¹ GT História da Mídia Sonora – XIII Encontro Nacional de História da Mídia (2021).

² Professor colaborador do Departamento de História da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Doutor e Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História da UEM e graduado em História pela Universidade Federal de Sergipe. Integra o Laboratório de Estudos do Tempo Presente (LabTempo-UEM) e o Grupo de Pesquisa Política, Estado e América Latina (GPPEAL-UEM). E-mail: pedro.labtempo@gmail.com.

As primeiras bandas alinhadas a um perfil abertamente neofascista, que fazem uso do rock como instrumento de difusão ideológica e expressão raivosa do ódio aos “inimigos da nação”, surgem no Reino Unido no limiar dos anos 1980. A *Skrewdriver* é, certamente, uma das pioneiras no gênero tendo migrado da subcultura punk para o universo skinhead, especialmente após a adesão de seu vocalista, Ian Stuart Donaldson, ao *National Front*, organização que ambicionava uma frente de extrema-direita composta, dentre outros, por partidos políticos nos quais atuavam simpatizantes do nazismo, como o *British National Party*, de John Tyndall. Sua presença em organizações como o *National-Socialist Movement*, em décadas anteriores, não é segredo, embora o presidente do partido tenha buscado insistentemente se apresentar como moderado, almejando não afastar o eleitorado (COPSEY, 2004).

Ian S. Donaldson foi um verdadeiro militante neofascista, cuja adoração aos ideais hitleristas se consubstanciaram na criação, no final dos anos 1980, da *Blood & Honour*, uma revista por meio da qual ele e seus colegas divulgavam opiniões políticas francamente alinhadas aos fascismos, repensadas para apelarem a um público contemporâneo aos idealizadores. O nome da revista batizou também uma organização mundial, com facções em diversos países engajadas na divulgação, dentre outras coisas, de material musical produzido por bandas de rock neofascistas de todo o mundo. A *Rock-O-Rama*, gravadora alemã, bem como a *Rebelle Européens*, francesa, colaboraram com a organização e se tornaram também símbolos da propulsão tomada pelo rock neofascista nos anos seguintes (PIEROBON, 2012).

Nos Estados Unidos, onde já atuavam organizações neofascistas como a *Aryan Nations*, *National Alliance*, *White Aryan Resistance* e *Creativity Movement*, cuja relevância desde os anos 1970 era considerável entre a extrema-direita racista, o rock neofascista encontrou terreno fértil. Já em 1988, o *Aryan Fest* foi realizado em Oklahoma contando com a presença de diferentes bandas de rock neofascista, sendo um dos primeiros festivais do gênero até então noticiados. A organização do evento foi assinada pela *White Aryan Resistance* e pela célula estadunidense do *Hammerskin Nation*, um dos mais reconhecidos grupos extremistas do Ocidente (POTOK, 2012). Contudo, é nos anos 1990 que o gênero ganha intensidade naquele país e em parte do mundo. Em larga medida, a ampliação do uso doméstico da internet no país possibilitou esse crescimento (MAYNARD, 2011).

O presente trabalho busca analisar a presença dos neofascismos nos EUA atentando para as suas singularidades no presente, resultantes de um longo processo de

transformação ocorrido no tempo. Neste sentido, atentaremos para a forma como os neofascistas estadunidense imaginam uma nação ariana, dentro da qual os negros não possuem espaço. Por isso, nos centraremos nos discursos de ódio racial de bandas do rock neofascista estadunidense. Dentre outras coisas, buscaremos compreender como o racismo histórico presente no país, mantém, por intermédio de discursos fascistas, sua existência nos dias de hoje.

Para realizarmos este breve exame, nos debruçaremos sobre músicas das bandas *Angry Aryans*, *Bound for Glory*, *Bully Boys* e *Heathen Hammer*, surgidas nos EUA entre os anos 1990 e a atualidade, portanto desde quando o gênero foi popularizado em sites e fóruns da internet até o apogeu do movimento *Black Lives Matter*, que tem desafiado o racismo estadunidense e proposto uma nova imagem para as lutas antirracistas naquele país. Antes disso, apresentaremos um breve histórico da presença de ideias fascistas nos EUA desde os anos 1930. A escolha das bandas se deu em torno da popularidade de suas músicas em nichos neofascistas estadunidenses, conforme apontado por organizações como a *Anti-Defamation League* e a *Southern Poverty Law Center*.

Do comício da *German American Bund* às organizações neofascistas contemporâneas

Na noite do dia 20 de fevereiro de 1939, meses antes de a Alemanha nazista invadir a Polônia e incitar os primeiros movimentos da Segunda Guerra Mundial, a *German American Bund*, organização dedicada a unir alemães residentes nos EUA e estadunidenses simpáticos ao nazismo, realizou na Madison Square Garden, em Nova York, o maior comício em apoio ao nazismo visto no país até então. O evento contou com membros da alta cúpula da Ku Klux Klan – cuja reputação dispensa demais comentários –, do *Christian Front* – grupo abertamente praticamente do antissemitismo –, da *Teutonia Society* e da *Friends of New German* (ou *Hitler Club*), ambas amparadas no hitlerismo e na mística escandinava ariana. Também estiveram presentes cidadãos simpáticos à agenda nazista, unidos a um total de aproximadamente 20 mil pessoas (HART, 2018).

Segundo Bradley W. Hart (2018), o objetivo central do comício era, além de demonstrar apoio de setores da sociedade estadunidense ao nazismo que vigorava na Alemanha desde 1933, mesclar o imaginário nazista a perspectivas “americanistas”. Este exercício buscava aproximar um certo nacionalismo radical estadunidense das premissas alemãs, com foco majoritário no racismo compartilhado por parte da população dos EUA – um país no qual muitos estados ainda possuíam sistemas segregacionistas naquela

década – e pelos súditos do Terceiro Reich. O racismo nos EUA não permaneceu direcionado somente aos negros, mas também aos judeus – em decorrência de raízes do cristianismo protestante europeu -, o que acabava por sincronizar ainda mais as visões de mundo dos nacionalistas estadunidenses com as do nazismo (MARTINEZ JÚNIOR; SELEPAK, 2013).

Detalhar as raízes do racismo estadunidense não seria viável, devido ao pouco espaço disponível. Porém, faz-se mister considerarmos três fatos. Primeiro, que a doutrina do “Destino Manifesto”, forjada no curso do processo de colonização dos EUA por cristãos protestantes que escapavam das perseguições católicas na Europa no século XVIII, marcou em muito a cultura estadunidense. A lógica da doutrina dizia que Deus havia escolhido aqueles homens e mulheres para civilizar a América. Esta percepção perdurou no imaginário estadunidense e serviu como estímulo a incursões do Estado, já na contemporaneidade, a países pobres sobretudo no Oriente, onde existiriam povos distintos cultural e racialmente. Tais incursões, geralmente violentas, tiveram certo respaldo de uma população cujas raízes culturais estão marcadas pela referida doutrina. Assim, eram apresentadas como esforços estadunidenses para civilizar os incivilizados (McCANN, 2011).

Em segundo lugar, devemos observar que como em outros países onde existiu um sistema voltado a garantir a escravização de africanos, os EUA buscaram justificativas semelhantes para manter as estruturas racistas preservadas após a abolição. O imaginário da Guerra de Secessão e a ideia de uma guerra racial é frequente no imaginário coletivo estadunidense, algo que foi bastante estimulado por organizações neofascistas mais contemporâneas como a *Aryan Nations* nos anos 1970 (OLIVEIRA, 2018). Trata-se de um país no qual diversos estados do Sul, historicamente marcado pela defesa do escravismo e das colônias de exploração, mantiveram dinâmicas segregacionistas até o final dos anos 1960, dinâmicas estas garantidas pela lei. Em 2017, a cidade de Charlottesville, na Virgínia, foi palco de um dos maiores comícios neofascistas do país, cuja concentração se deu em torno da estátua de Robert E. Lee, soldado confederado e símbolo do passado racista estadunidense, que seria removida pela prefeitura. Trata-se, evidentemente, de um marco sobre a resistência do passado escravocrata do país que ecoa no presente sob outras formas.

Estas formas organizam um racismo estruturado na sociedade em forma de sistema social. Como toda construção social que se refere a uma determinada forma de organizar esta sociedade, o racismo traz em seu sufixo a sua faceta sistemática. Assim

como o capitalismo, é um sistema que se consolida e se dissemina pela sociedade por meio de aparatos simbólicos, discursos, ações violentas explícitas, intimidações e culturas erigidas com o propósito de manter os herdeiros dos privilégios brancos desfrutando de privilégios negados aos descendentes dos africanos escravizados. O racismo dos séculos passados, que buscava legitimar a escravização por meio da desumanização do outro, encontra no presente novas formas de ação, por vezes menos explícitas, mas ainda bastante violentas (ALMEIDA, 2019).

Por fim, precisamos sublinhar que ao longo do século XX, diferentes organizações e intelectuais racistas, impulsionados por pseudociências como o eugenismo e o darwinismo social, bem como resquícios da doutrina do “Destino Manifesto”, fortaleceram correntes de pensamento racistas em todo o país. O ápice da Ku Klux Klan ocorre nos anos 1920, mesma época em que o *Immigration Act* é lançado, buscando restringir, a partir de denominadores raciais, a presença de imigrantes nos EUA. Os escritos de Lothrop Stoddard e Madison Grant sobre a inferioridade da raça negra, publicados no início do século, são hoje evocados por organizações como os *Proud Boys*, engajados na defesa de uma genealogia racial ocidental que reivindica a destruição dos costumes orientais para sobreviver (STERN, 2019).

Portanto, o racismo nos EUA possui raízes singulares, mesmo que algumas coincidam com as de outros países ocidentais. Recentemente, sob a égide da agenda de Donald Trump, que presidiu o país de 2016 a 2020, discursos radicais em defesa da genealogia branca e de um nacionalismo estadunidense foram revigorados, o que permitiu certo protagonismo a grupos e pessoas decididas a defender uma “América para os americanos”. Frente a isso, casos de racismo cresceram no país, sendo a morte de George Floyd, homem negro que, ao ser abordado de forma violenta pela polícia de Minneapolis, foi sufocado até falecer, um exemplo máximo disso. O assassinato levou milhares às ruas do país e deram fôlego ao *Black Lives Matter*, movimento que luta contra o racismo no país e em defesa da participação dos negros na construção de uma sociedade mais democrática.

Um neofascismo racista: a predileção dos neofascistas estadunidense pelo ódio racial contra os negros

Embora uma associação imediata dos fascismos com o racismo seja comum, devemos ressaltar que nem sempre o ódio racial fez parte do pensamento fascista. Por

mais que o fascismo italiano tenha buscado ressaltar o nacionalismo a partir de denominadores comuns entre a população natural do país – cultura, língua, história, etc. -, e isso possa ter levado a uma construção específica de uma pretensa nova etnia italiana, um racismo aparente e violento não era parte das bases fundamentais do fascismo. Somente mais tarde, em decorrência da guerra na Etiópia nos anos 1930 e, sobretudo, após o surgimento do nazismo, onde a questão racial era essencial, a narrativa ideológica do fascismo passou a incorporar mais intensamente o discurso de ódio racial (KONDER, 2009).

Em um país onde houve a presença de africanos escravizados, que após libertos continuaram sendo violentamente reprimidos por estruturas racistas, inclusive sob o julgo de pseudociências que reorganizavam a submissão dos negros aos brancos, o fascismo tornou-se utilitário a organizações definidas pelo ódio aos negros e por um amor obsessivo pela genealogia branca, herdada dos europeus. Não à toa, o comício da *German American Bund*, de 1939, procurou aliar de forma concreta o nazismo com as tradições nacionalistas estadunidenses. Também não é coincidência que a grande maioria das bandas de rock neofascista dos EUA tenham optado pela narrativa nazista.

De acordo com um levantamento feito por nós em 2018, pelo menos 94 bandas de rock neofascista lançaram material gravado nos EUA entre 1992 e 2014, um número significativo se pensarmos que a produção deste tipo de material é, geralmente, ausente de recursos profissionais em vista dos discursos que promovem (OLIVEIRA, 2018). Este número, contudo, é baseado em um mapeamento feito na internet, tendo como base de dados os bancos de informações disponibilizados por sites especializados, e pode variar significativamente para mais ou para menos. Fato é que todas as bandas registradas por este mapeamento oferecem aos consumidores do seu material discursos nazistas, em parte dedicados a atacar judeus, mas profundamente ajustados a um ódio racial contra negros.

A banda *Bound for Glory*, surgida em Minnesota (mesmo estado onde George Floyd foi assassinado em 2020), é uma das mais reconhecidas bandas neonazistas do país. Entre 1994 e 2017, lançou 14 discos. Todos eles possuem ao menos uma música cuja letra difunde ódio racial contra negros ou exalta a raça ariana. Na música *Painted Black*, presente no disco *Behold the iron cross* (1996), ouvimos:

Uma criatura doentia,
Deveria ser alvejada de imediato
Sem orgulho de seu passado,
Sem fé em sua espécie

Quantos mais irão segui-los
Nessa lavagem cerebral?
(...)
Você é um insulto à minha raça
Venha, cuspirei na sua face
(...)
Você muda seu discurso
Para as gírias do seu povo de cor
Que está às suas costas
(...)
Não ouvirei uma palavra do seu gemido
Você vai ver que é difícil respirar
Quando estiver com o rosto na sarjeta³

Embora “povo de cor” possa se referir também a latino-americanos, asiáticos, descendentes de povos originários, enfim, qualquer um que não seja branco, é possível localizarmos fortes indícios de que o discurso de ódio se direciona aos negros. Primeiramente, porque o nome da música faz referência à cor preta. Em segundo lugar, ao mencionarem “gírias do seu povo de cor”, os compositores se referem ao que Marc Ferro (2008) aponta como uma das grandes marcas da identidade negra nos EUA: uma forma de comunicação erigida para resistir à homogeneização pensada pela ideologia dominante. De qualquer forma, a exaltação da raça branca, presente na música, impõe um antagonismo imediato com outros grupos sociais considerados inferiores. Num dado momento, pode alicerçar campanhas de ódio.

Na música *Aryan nations*, da mesma banda, lançada em 1998 no disco *Requiem*, ouvimos: “Temos algo a resolver e isso se chama sobrevivência branca/Das nevascas de Minnesota até a neblina escandinava/Nossa herança estará viva enquanto nós existirmos/Nossa ancestralidade está do outro lado do oceano/”⁴. A ideia de “sobrevivência branca” passa por uma noção de ameaça, de perigo. Algo semelhante ao que defendem organizações mais contemporâneas como os *Proud Boys*, ao argumentarem que a ancestralidade e a cultura ocidental estão ameaçadas pelo contato com “o outro” (STERN, 2019), este “outro conveniente” a quem os neofascistas direcionam seus ressentimentos e frustrações pela “decadência” do que buscam preservar: a nação ou a comunidade (PAXTON, 2007).

³ BOUND for Glory. Painted Black. In: **Behold the iron cross**. Minnesota: BFG Productions, 1996, faixa 06. Aprox. 59 min. 01 CD/MP3.

⁴ BOUND for Glory. Aryan nations. In: **Requiem**. Minnesota: Independente, 1998, faixa 09. Aprox. 64 min. 01 CD/MP3.

A banda *Bully Boys*, contemporânea à *Bound for Glory*, lançou diversos discos cuja temática central é o ódio racial. A começar por *White kids gonna fight*, de 1999, cuja capa é ilustrada por uma criança branca empunhando um porrete. Neste álbum está a música *Hate to survive*, na qual se pode ouvir: “A escolha é clara: você ou eles/Um precisa viver, outro precisa morrer/Humanidade não existe, vivemos numa selva/Você precisa odiar, odiar para sobreviver”⁵. Partindo do pressuposto de que o título do álbum, traduzido para o português, significa “os garotos brancos irão à luta”, a música, que narra um contexto de confronto, expressa claramente quem deve “odiar para sobreviver”.

Ainda em 1994, a mesma banda lançou a música *Jig run*, em um *split* com o grupo *Division S*, conhecido no cenário neofascista sueco. Na música, eles dizem: “Garrafas de uísque, tacos de baseball/Caminhonetes e bandeiras rebeldes/Nós vamos à cidade hoje à noite, bater e correr/Vamos nos divertir, pois caçaremos pretos/Eles temem o pôr do sol”⁶. Na música, a banda se refere aos “pretos” como *jigaboos*, gíria racista usada em diversos países. Quando falam em “bandeiras rebeldes”, aludem à bandeira dos Estados Confederados do Sul – vermelha, com linhas diagonais cruzadas na cor azul e pontilhadas por estrelas brancas -, símbolo do passado escravocrata do país. E finalmente, ao dizerem que “eles [os negros] temem o pôr do sol”, indicam a preferência pela prática da violência racial à noite, mas também sublinham uma forte referência do racismo nos EUA: as Leis de Jim Crow, promulgadas entre o século XIX e início do século XX para reger a segregação entre brancos e negros. Em alguns estados, a polícia estava autorizada a prender pessoas negras que estivessem fora de casa após o anoitecer (FREMON, 2000).

Talvez a banda mais famosa do cenário musical neofascista dos EUA seja a *Angry Aryans*. Estudos consistentes, como os de Belio Antonio Martinez Jr. e Andrew Selepak (2013; 2014), bem como alguns produzidos por nós (OLIVEIRA, 2018), examinam a proeminência da banda entre os neofascistas estadunidenses. A primeira gravação da banda, intitulada *Race mixing is treason*⁷, lançada em 1997, deixa claro o racismo de seus músicos: traduzido para português, o título significa “mistura racial é traição”. Seu primeiro álbum, de 1999, também expressa, de imediato, o ódio racial ao qual são adeptos

⁵ BULLY Boys. *Hate to survive*. In: **White kids gonna fight**. New Port: Panzerfaust Records, 1999, faixa 14. Aprox. 58 min. 01 CD/MP3.

⁶ BULLY Boys. *Jig Run*. In: **Bully Boys/Division S**. Stockholm: Independente, 1994, faixa 01. Aprox. 36 min. 01 CD/MP3.

⁷ ANGRY Aryans. **Race mixing is treason**. Detroit: Independente, 1997. Aprox 41 min. 01 CD/MP3.

os membros do conjunto: com o título de *Racially motivated violence*⁸ (“violência racialmente motivada”), o disco traz na capa uma suástica. *Too White for you*⁹ (2000) e *Old school hate*¹⁰ (2001) completam o rol de discos da banda, cujo nome, em tradução literal, significa “arianos raivosos”.

A primeira música do primeiro álbum da banda é *Just another nigger*, onde o racismo contra negros se expressa de imediato pelo uso do termo *nigger*, banido do vocabulário inglês por ser considerada uma das palavras mais racistas nos EUA. Outra música, *Matter of race* (“questão de raça”), exprime: “Nossa raça está morrendo em vão/É tudo uma questão de raça, quando você concordará? /Quando você for escravo de um escravo, ajoelhado?”¹¹. A ideia de uma raça em perigo é frequente entre os neonazistas e motoriza a violência por eles perpetrada contra os negros. Insistem na ideia de que, caso não ajam, poderão ser submetidos pelos seus inimigos, se referindo aos negros como escravos. Portanto, a noção de medo e perigo gera a necessidade de uma ação; na grande maioria das vezes, esta ação é a violência racial.

Vejamos agora o que diz a música *Browntown burning down*, que abre o disco *Old school hate* (cuja capa é ilustrada por um jovem negro sendo sufocado pela chave de braço de um policial):

Dirigindo pela cidade,
um gueto enegrecido é o que você vê
Resultado direto da permissão
para os negros serem livres
Eles destroem suas comunidades e matam a si mesmos
Casas abandonadas queimadas até às cinzas
Brigas internas dessas tribos zulus
Cidade dos marrons queimada até o chão
Cidades sendo saqueadas, isso vai acontecer
Cidade dos marrons queimada até o chão
Pretos em chamas rolando pelo chão¹²

⁸ ANGRY Aryans. **Racially motivated violence**. Strodsburg: Tri-State Terror, 1999. Aprox. 49 min. 01 CD/MP3.

⁹ ANGRY Aryans. **Too White for you**. Ferndale: Tri-State Terror, 2000. Aprox. 55 min. 01 CD/MP3.

¹⁰ ANGRY Aryans. **Old school hate**. Hillsboro: Resistance Records, 2001. Aprox. 57 min. 01 CD/MP3.

¹¹ ANGRY Aryans. Matter of race. In: **Racially motivated violence**. Strodsburg: Tri-State Terror, 1999, faixa 12. Aprox. 49 min. 01 CD/MP3.

¹² ANGRY Aryans. Brown town burning down. In: **Old school hate**. Hillsboro: Resistance Records, 2001, faixa 01. Aprox. 57 min. 01 CD/MP3.

Para além do ódio racial explicitamente direcionado aos negros, vemos descrito na música um olhar sobre o cotidiano dos bairros de maioria negra nos EUA que, de certa forma, tem guiado o comportamento não apenas de civis racistas dispostos à violência física, mas também das instâncias de poder do Estado. O caso George Floyd não é o primeiro deste tipo ocorrido nos EUA. O caso Rodney King, em Los Angeles, no ano de 1992, incitou manifestações efervescentes na Califórnia contra a atuação racista da polícia. King foi espancado severamente por policiais após reagir a uma abordagem, com medo de que o fato de ter bebido com alguns amigos pudesse leva-lo de volta à prisão, pois ele estava em liberdade condicional após ser preso no ano anterior por roubo. Este fato, inclusive, foi amplamente utilizado pela opinião pública para defender a truculenta ação policial, como se uma coisa justificasse a outra. Daniel Prude, 41 anos, foi outro homem negro desarmado morto pela polícia, dessa vez de Nova York, após um desentendimento com oficiais da corporação no ano passado.

Assim como os *Angry Aryans*, muitos são os brancos estadunidenses que, mesmo distantes de qualquer associação com ideais nazistas, compartilham a visão de que os negros representam algum tipo de perigo, que seus costumes são reprováveis e que as ações das instâncias de poder do Estado devem ser incisivas contra eles. Trata-se de um pensamento racista, amplamente disseminado em uma sociedade historicamente liderada por brancos e com passado escravista, situação que não é exclusiva aos EUA. Durante a administração de Barack Obama (2009-2017), houve uma mudança substancial neste cenário especialmente pelo maior acesso de jovens às universidades, o que contribuiu para um crescimento vertiginoso da preferência por abordagens “politicamente corretas” sobre a sociedade, termo usado por aqueles que se sentiam lesados por uma mudança de comportamento incisiva que era vexatória a termos, visões de mundo e discursos preconceituosos, revestidos de uma pretensa inocência. Dos setores menos privilegiados da sociedade estadunidense, os quais não desfrutavam de um acesso tão amplo às universidades; bem como de parte dos setores mais privilegiados, que temiam perder certos privilégios de classe, raça, sexualidade, etc. em decorrência desse movimento, emergiria uma reação brutal a estas mudanças. Grande parte destes setores foram entusiastas da eleição de Donald Trump em 2016, candidato carro-chefe do discurso de que os EUA precisavam retomar suas raízes culturais e de um discurso “politicamente incorreto” que apelava aos ressentimentos prevalecentes entre os mais conservadores.

É desse contexto que surge a chamada *alternative right*, ou “direita alternativa”, um movimento fecundado nas redes sociais virtuais, especialmente em fóruns como 4

Chan e Redit, onde jovens de classe média-alta brancos, heterossexuais e profundamente ressentidos como a ampliação das discussões em torno das igualdades democráticas que, na perspectiva deles, afetavam seus privilégios, passaram a se organizar. De lá emergiram os *Proud Boys*, Gavin McInnes, Richard Spencer e outros grandes nomes desta corrente da direita dedicada à defesa do “direito dos brancos”, supostamente comprometidos pelo avanço de pautas consideradas “excessivamente liberais”, quando não “abertamente comunistas”. O comício da *Unite the Right*, ocorrido em Charlottesville em 2017, bem como a invasão ao Capitólio em Washington por grupos de extrema-direita, em janeiro de 2021, contaram com membros ativos da *alt right* e foram articulados em redes sociais virtuais (STERN, 2019).

A banda *Heathen Hammer* lança seu álbum *White Spirit-Black Mask* em 2017, no bojo destes acontecimentos e da ascensão de novos grupos extremistas nos EUA, confortáveis com a atuação de representantes de suas ideias no poder executivo. Na música *Fatherland*, cover da canção homônima do conjunto polonês *Warhead*, cantam: “Eu luto por você, minha pátria/Nunca deixarei você cair/Será para mim uma honra defender a raça dos meus ancestrais/Vejo a força da luz entre os brancos e o desaparecer das outras raças”¹³. Num cenário em que defensores de ideias nacionalistas embasadas no racismo sentem-se à vontade para atuar e proferir seus discursos, este tipo de música ganha espaço e pode, por vezes, penetrar a sociedade e aproximá-la dos fascismos, uma vez que alguns discursos entre parte da direita estadunidense são compartilhados pelos neofascistas do país.

A existência de um cenário permissivo à militância de extrema-direita nos EUA não anima apenas os neofascistas, ou mesmo os militantes mais radicais de organizações racistas, mas também cidadãos comuns e pessoas dotadas de algum poder perante a sociedade, para as quais a ideia de que os negros representam perigo foi ensinada por uma estrutura social racista duradoura. O movimento *Black Lives Matter* é, além de tudo, uma resposta ao referido cenário. Seus adeptos protagonizaram protestos históricos contra o racismo estrutural nos EUA, especialmente após a trágica morte de George Floyd em Mineápolis, em 2020, ao ser sufocado durante nove minutos por um policial. Também foram o carro chefe de uma forte onda eleitoral contra Donald Trump no mesmo ano, impulsionando milhões de eleitores às urnas para eleger seu adversário, Joe Biden. O

¹³ HEATHEN Hammer. *Fatherland*. In: **White Spirit-Black Mask**. Covington: Independente, 2007, faixa 09. Aprox. 39 min. 01 CD/MP3.

movimento, com células em todo mundo, surge de uma exigência pela renovação do movimento negro estadunidense diante de uma crescente renovação de discursos racistas, bem como de comportamentos políticos fascistas.

Estes comportamentos emergem frente a um cenário de ampliação do perímetro democrático em diversos países ocidentais, a partir da qual minorias, grupos sociais marginalizados e sujeitos antes desprovidos de direitos encontraram abrigo para se defender da violência reacionária. É inegável que estas conquistas, mesmo ainda longe de serem as ideais, motivou uma forte reação por parte daqueles que passaram a crer numa ameaça a seus privilégios de cor, classe, gênero, entre outros. Portanto, embora estejamos acompanhando o crescimento vertiginoso de movimentos reacionários no Ocidente, amparados por representantes políticos que empunham bandeiras antidemocráticas, a proporção desse crescimento resulta, também, das vitórias daqueles que antes se encontravam ainda mais ameaçados em sociedades racistas, machistas, homofóbicas e classistas.

Considerações finais

A presença do racismo e dos fascismos em nosso tempo precisa ser considerada em suas singularidades, embora não possamos jamais esquecer que ambos possuem raízes no passado e se desenvolveram – ou melhor, foram desenvolvidos – para chegar até aqui, preservados e modernizados por interesses humanos que, de alguma forma, se beneficiam disso. No caso aqui estudado, o forte racismo presente na história dos EUA se serviu no nazismo forjado na Alemanha para impulsionar o comportamento violento de grupos e pessoas cuja visão de mundo exprime o ódio aos negros.

Tendo isso em vista, devemos destacar que os fascismos, enquanto comportamentos políticos, são adaptados às realidades circundantes. Na Alemanha de Adolf Hitler, a presença de negros era minoritária, ao contrário do que se tinha nos EUA, onde, inclusive, o racismo organizou um sistema escravocrata. Neste sentido, o racismo nazista, antes essencialmente guiado pelo antissemitismo, foi modelado pelos seus adeptos estadunidenses para alvejar negros, parte da sociedade com a qual os brancos têm rivalizado com maior frequência historicamente naquele país. Além do mais, a paixão nazista pela raça branca, que pressupõe a inferiorização de todas as outras – entendendo um mundo dividido em raças disputando espaço -, foi adaptada pelos neonazistas

estadunidenses para caber em uma sociedade traçada por diferenças raciais entre negros e brancos.

Devemos destacar que, embora pareça incoerente mudar o foco do racismo nazista dos judeus para os negros, a única constante coerente entre os fascismos, de ontem e de hoje, é o ódio direcionado aos “antípodas da nação”, inimigos dos que “verdadeiramente merecem” desfrutar dos bens da comunidade, visando intimidá-los ou, se possível, exterminá-los para abrir caminho à sociedade imaginada. Os neofascistas estadunidenses do presente não estão menos aptos a perpetrar violência racial porque ela é menos antissemita do que a de seus referenciais históricos.

Temos atualmente diversas subculturas que se organizam em fóruns virtuais por toda a internet, nos quais pessoas encontram espaço para abrigar suas frustrações sociais, bem como outros sujeitos disponíveis para compartilhar os ressentimentos mais particulares contra negros, pessoas LGBTQIA+, imigrantes, mulheres, etc. Ou seja, grupos sociais que têm alcançado crescente visibilidade e participação política em diferentes países ocidentais. Portanto, estes espaços abrem alas a uma ameaça constante que, pelo potencial utilitário da internet, conseguem disseminar discursos reacionários e incentivar todo tipo de violência. A responsabilidade não é necessariamente da internet, pois ela só é capaz de funcionar para atender necessidades humanas. Por que há seres humanos que necessitam criar espaços embrionários para discursos de ódio que, cedo ou tarde, se materializam nas ruas das grandes metrópoles?

Essa “cultura do ódio” ganha força quando representantes políticos criam um clima permissivo a ações violentas, aquelas nas quais a idealização da violência ganha forma. Além disso, o ódio é um fator de aproximação entre visões de mundo mais extremistas, como as que caracterizam os fascismos, e outras mais moderadas que permeiam o tecido social. Ao acusarem como culpados pela decadência da comunidade certos grupos sociais, a extrema-direita e a direita convencional – ou mesmo grupos conservadores – se encontram, tornando tênue a linha que os separam. Ao ouvir uma música que sugere a violência contra o alvo de sua fúria, um jovem com inclinações ao espectro direito da política tradicional pode convergir bruscamente na direção de discursos mais extremados.

A música figura neste processo como um meio de difusão para ideias neonazistas, com o intuito não apenas de atrair para a causa novos adeptos, mas de expressar a imagem de uma sociedade imaginada, construindo propostas de atuação violenta. Escolhendo o rock, um tipo de música frequentemente atribuído à rebeldia e à crítica aos valores

estabelecidos; reconhecido por sua sonoridade enérgica e instigante, estas bandas buscam energizar grupos sociais para canalizar sua revolta contra inimigos em comum – neste caso, os negros. Inimigos estes acusados de serem incompatíveis com um ideal de nação compartilhado não apenas por neonazistas, mas por outros jovens que, ao ter contato com a música, podem aderir ao neonazismo. Não podemos assegurar que a música é a única responsável pela adesão de jovens a este comportamento político, mas sem dúvidas ela tem grande participação nessa dinâmica. Afinal, revestida por um gênero específico, ela se reveste de uma imagem de subversão, de combate ao *establishment*, de confronto às normas vigentes, aparentando revolucionária quando, em realidade, é vigorosamente reacionária.

Temos diante de nós um gênero musical que, por suas especificidades, são documentos que registram a presença dos fascismos em nosso tempo, suas singularidades e suas transformações ao longo dos anos. Assim, podemos examinar e narrar a densidade histórica dos fascismos no presente sem perder de vista as estruturas viabilizadas no passado para cria-los. Da mesma forma, podemos compreender melhormente como este comportamento político foi adaptado a um contexto, uma cultura e uma sociedade em particular, na qual sua presença faz emergir traços sombrios de condições minimamente favoráveis à persistência do passado no presente.

Devemos nos questionar sobre a presença do passado. Por que ainda não conseguimos superar os fascismos, o racismo, a violência contra as minorias? Não temos diante de nós uma repetição da história, como se, em algum momento, os fascismos, o racismo, entre outros tipos de violência contra minorias, tivessem desaparecido e agora regressassem. Na história não existem repetições: o que temos diante de nós é a permanência e a continuidade destes fenômenos, que marcam nossa incapacidade de impedirmos sua persistência no tempo. A história nos tem dado incansáveis exemplos de como, para perpetrar todo tipo de violência a uma classe ou grupo social, aqueles que se sentam sobre seus privilégios os desumanizam. O que podemos fazer para resolver este problema? Este breve ensaio não tem pretensão de responder a este questionamento, mas provocar um importante debate em torno dele.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Jandaíra, 2019.

COPSEY, Nigel. **Contemporary British fascism: the British National Party and the quest for legitimacy.** New York: Palgrave Macmillian, 2004.

FERRO, Marc. **O século XX explicado aos meus filhos.** Rio de Janeiro: Agir, 2008.

FREMON, David K. **The Jim Crow laws and racismo in American history.** New Jersey: Enslow Publishers, 2000.

HART, Bradley W. **Hitler's American friends: the Third Reich's supporters in the United States.** New York: St. Martins Press, 2018.

KONDER, Leandro. **Introdução ao fascismo.** São Paulo: Expressão Popular, 2009.

MARTINEZ JR., B. A.; SELEPAK, A. The sound of hate: exploring the use of hatecore song lyrics as a recruiting strategy by the White Power Movement. **Intercom-RBC** (São Paulo), v. 37, n. 02, p. 153-174, jul./dez. 2014.

MARTINEZ JR., B. A.; SELEPAL, A. Power and violence in Angry Aryan song lyrics: a racist skinhead communication strategy to recruit and shape a collective identity in the White Power Movement. **C & S** (São Bernardo do Campo), vol. 35, n. 01, p. 153-180, jul./dez. 2013.

MAYNARD, Dilton C. S. **Escritos sobre história e internet.** Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2011.

McCANN, Frank. Brasil e Estados Unidos: dois séculos de relacionamento. In: MUNHOZ, Sidnei J.; TEIXEIRA DA SILVA, Francisco C. (Orgs.). **Relações Brasil-Estados Unidos: séculos XX e XXI.** Maringá: EdUEM, 2011, p. 25-63.

OLIVEIRA, Pedro Carvalho. **O som do ódio: uma história do rock neofascista e dos neofascismos no tempo presente.** Curitiba: CRV Editora, 2018.

PAXTON, Robert O. **A anatomia do fascismo.** São Paulo: Paz e Terra, 2007.

PIEROBON, Chiara. Rechtsrock: White Power music in Germany. In: SHEKHOVTSOV, A.; JACKSON, P. (Orgs.). **White Power Music: scenes of extreme-right cultural resistance.** Northampton: RNM Publications, 2012, p. 07-24.

POTOK, Mark. **Racist skinheads: understanding the threat.** Alabama: SPLC Publications, 2012.

STERN, Alexandra M. **Proud Boys and the White ethnostate: how the alt right is wrapping the american imagination.** Boston: Beach Press, 2019.